

## Fotógrafos Baianos

Agnes Mariano

Acompanhados da mãe, eles chegaram de mãos dadas. A garota devia ter entre 8 e 10 anos, enquanto seu irmão não passava dos 6. Antonio Sousa não disse nada, apenas olhou para eles. A garota, prontamente, sentou na cadeira e tentou ficar bem quieta. Depois, foi a vez do pequenino, que, como ainda não sabe fazer cara de sério, continuou com o seu sorriso lindo na hora do clique. Quando fotografa os seus clientes na Praça Piedade, como tem feito há algumas décadas, Antonio é assim mesmo: prefere não interferir, apenas sorri, para deixá-los à vontade. Ele sabe que este é um momento muito íntimo, do indivíduo com a sua própria imagem e que o melhor é deixar cada um escolher como deseja ser imortalizado. O pai e irmão de Antonio foram os grandes fabricantes locais das máquinas lambe-lambe. Hoje, ele se adaptou aos novos tempos: uma Polaroid, para os apressados; uma velha Pentax, para quem pode esperar pela revelação e uma lambe-lambe intacta, ainda com chapa de vidro, “para mostrar aos turistas”.

Dominar a arte da fotografia é um pouco como ser um mágico, como ter um poder misterioso, porque não há quem permaneça impassível diante das imagens. Alguns se encantam com as fotos antigas, mesmo desbotadas e danificadas pelo tempo. Outros são aficionados pelos rostos e paisagens de lugares distantes, onde nunca estiveram. Muita gente adora olhar e rever as fotos de artistas, amigos, parentes, locais onde esteve, lembrar do que viveu. As fotografias documentam também cenas incríveis, que vão além da nossa imaginação, coisas que só podemos acreditar depois de vê-las retratas. Uma foto pode, ainda, fazer muito mais, como forçar um diálogo entre o passado e o presente de uma pessoa, entre o que ela já foi e o que se tornou, exibindo, com franqueza, as transformações, os ganhos, as perdas. A maioria de nós se desespera com a superfície, com os sinais do envelhecimento em nossos rostos e corpos. Mas, se olharmos nos olhos de nós mesmos, numa foto, poderemos viver um momento especial, como se reencontrássemos um amigo distante que, com certeza, terá algo de importante para nos dizer.

Oficialmente, a técnica da fotografia surgiu na França, no começo do século XIX. Segundo a pesquisadora Sofia Olszewski, já falecida, Niépce era membro da burguesia rural, o que lhe permitia dedicar-se a pequenas pesquisas científicas, principalmente buscando obter “a impressão de documentos ou de vistas através da câmara escura”, diz ela em seu livro “A fotografia e o negro na cidade do Salvador: 1840-1914”. Quatro anos antes de falecer, assinou um contrato de parceria com Louis Daguerre, também pesquisador do assunto. Daguerre herdou essa pesquisa e a desenvolveu, até apresentar à Academia de Ciência da França, em 1839, o seu invento, o daguerreótipo: uma técnica para fixar a imagem numa superfície metálica.

Na verdade, muita gente estava pesquisando o mesmo assunto nessa época. No Brasil, outro francês, o pintor e desenhista Hercules Florence, morador de São Carlos, interior de São Paulo, chegou a descobrir em 1832 um processo para imprimir pela luz do sol, que ele chamou de “photographie”. Mas, ao contrário de Daguerre, não foi tão rápido em alardear o seu feito. Outra polêmica sobre os primórdios diz respeito ao local da primeira fotografia no Brasil. O primeiro aparelho de daguerreótipo chegou ao país com o abade Louis Compte, a bordo do navio L’Orientale: “Só que antes de ir para o Rio, onde se diz que ele fez o primeiro daguerreótipo brasileiro, ele aportou em Salvador. Porque ele não faria uma

foto aqui? É até uma dedução lógica, se ele estava num navio-escola, como visitante, num local exótico”, arrisca a fotógrafa e pesquisadora Maria Sampaio, defendendo a tese de que a primeira foto brasileira teria sido feita na Bahia.

No século XIX e começo do século XX, a fotografia era dominada pelos retratistas, que eram visitados em seus estúdios. Alguns dos mais famosos foram os de Lindemann, Ignácio Mendo, Gonsalves, o Photo Ideal e o Photo Jonas, que se autodenominava “Jonas, o retratista da moda”. A partir de 1937, as fotos passaram a ser obrigatórias nos documentos, o que popularizou definitivamente os retratos, conta a pesquisadora Mariluce de Souza Moura. A essa altura, o fotojornalismo baiano também já estava dando os seus primeiros passos rumo à profissionalização, com gente como Oscar Freire de Carvalho, Miguel Martins, Djalma Guedes e Gervásio Batista. Nos anos 50 e 60, apareceram Anízio Carvalho, o fotógrafo das causas impossíveis, Valter Lessa, com suas inovações técnicas, e vários outros.

Nos anos 70, a Bahia começou a descobrir a sua própria beleza. Em cores ou em preto-e-branco, uma nova leva de fotógrafos se espalhou por todos os cantos do estado, seguindo as pegadas de Caymmi, Amado, Caribé, Calasans, Cravo Júnior e Pierre Verger. Também viajaram por outros países, expuseram, lançaram livros, inovaram. O aperfeiçoamento técnico, o uso criativo da linguagem e o desejo de fazer “um trabalho mais fundamentado, ligado a pesquisas em várias áreas”, como conta o fotógrafo Aristides Alves, foram o centro dos interesses. Daí nasceram iniciativas como o Grupo Zaz, no começo dos anos 70, e o Fotobahia, entre final dos 70 e início dos 80, que promoveram um salto de qualidade na fotografia baiana. Nos anos 80 e 90, alguns fotógrafos mergulharam ainda mais fundo na idéia de ensaio fotográfico, seja trabalhando como pesquisadores ou fotojornalistas. O sertão brasileiro, este gigante desconhecido, foi tema de trabalhos importantes. E, nos últimos anos do século XX, as câmeras digitais, scanners e programas de computação gráfica passaram a ser os grandes aliados.

Hoje em dia, há quem afirme que a profissão de fotógrafo está com os dias contados, pois os equipamentos estão cada vez mais sofisticados e acessíveis, sendo usados por um número sempre crescente de pessoas. E, com as facilidades proporcionadas pela computação, ter suas fotos copiadas é tão fácil que torna difícil o controle da pirataria e a garantia de remuneração. Mas, talvez, as coisas não sejam tão simples assim, porque, para fazer uma boa foto, que comunique, seduza, desconcerte, surpreenda, é preciso ter nascido com algumas habilidades especiais. É preciso estar sempre atento aos pequenos detalhes, saber ser invisível, ser apaixonado pela vida, com todas as suas imperfeições. É preciso ser capaz de emudecer diante de uma paisagem, de desvendar a beleza de outro ser humano, de indignar-se com as injustiças. Porque metade da emoção que encontramos nas fotografias está no mundo, e a outra metade, está nos olhos de quem a viu.

## PIONEIROS

Nesse dia, eles certamente acordavam um pouco nervosos, mesmo que tentassem fazer de conta que era um dia como outro qualquer. Tomavam o desjejum, cuidavam dos seus afazeres até que o sol estivesse forte, então, vestiam a melhor roupa e se dirigiam ao estúdio do fotógrafo. Mas essa, definitivamente, não era uma ocasião qualquer. O dia em que um homem ou mulher do século XIX era fotografado, se transformava num momento muito especial. Naquela época, quando a fotografia dava seus primeiros passos, pouca gente teve o privilégio de deixar gravado o seu rosto, numa superfície de metal, vidro ou papel. Foram bem poucos os que deixaram essa prova inexorável de que, um dia, estiveram vivos e que

podem, até hoje, nos falar sobre as suas vidas, através dos gestos, roupas e do olhar com que foram imortalizados.

O irresistível desejo de conhecer rostos e paisagens desconhecidos sempre foi um grande impulsionador da fotografia. A maioria dos fotógrafos pioneiros veio de longe: Alemanha, Inglaterra, Suíça. Demoravam-se apenas alguns meses ou poucos anos, fotografando para empresas e clientes abastados. A nossa sorte é que seus olhos sensíveis não resistiam à curiosidade de conhecer também outros cenários e modelos. Como Benjamim Mulock, que veio na década de 1860, a serviço de uma companhia inglesa que construía estradas de ferro, e nos fez o favor de registrar imagens do Rio Vermelho, além de produzir, pela primeira vez, um grande panorama de Salvador vista do mar. Fotógrafos como Lindemann, autor de dezenas de imagens de tipos populares, demonstrando quem era e como vivia o povo que andava pelas ruas de Salvador. Ou como Marc Ferrez, que paciente e corajosamente levou sua parafernália a locais distantes e “tirou as primeiras fotos dos temidos botocudos no sul do Estado e as vistas dos Abrolhos, de Salvador e da cachoeira de Paulo Afonso”, conta o pesquisador Gilberto Ferrez, em seu livro “Bahia - velhas fotografias”.

#### Retratistas

A maioria deles fazia retratos de pessoas. As limitações técnicas os obrigavam a trabalhar em estúdios, onde podiam preparar os químicos, fazer a foto e revelar imediatamente. Além de uma boa casa, com janelas e clarabóia para a entrada de luz natural, eles montavam cenários, com cadeiras, colunas, objetos e dispunham até de figurino. Afinal, depois de prontos e emoldurados, os daguerreótipos e ambrótipos - respectivamente placas de cobre e vidro sensibilizadas através de processos químicos, que as tornavam capazes de fixar uma imagem - ocupavam local de destaque na vida social. Depois vieram o “cartão de visita” e a foto “Cabinet”, já em papel, que “eram freqüentemente enviadas a amigos, parentes, superiores, como forma de manifestação de amizade, carinho e reverência, contendo sempre dedicatórias”, explicou Sofia Olszewski, em seu livro “A fotografia e o negro na cidade do Salvador - 1840-1914”.

Desbravando uma nova profissão em terras estranhas, os fotógrafos primavam pela criatividade. “Anunciavam seus serviços nos jornais e almanaques, usando até técnicas arrojadas de publicidade. Havia também concorrência acirrada entre eles, como entre Goston e Bautz, que estão entre os primeiros a se estabelecer na cidade”, conta a fotógrafa Maria Sampaio, que também é pesquisadora de história da fotografia. Outros nomes importantes citados por ela são os de Henschel, “que não chegou a morar aqui, apenas instalou uma filial” na rua Direita da Piedade, 16, autor de maravilhosos retratos, e o do suíço Guilherme Gaensly, que fez muitas “vistas” dos arredores da cidade, tendo trabalhado durante alguns anos em sociedade com Lindemann.

Como eram necessários minutos e não segundos para fixar a imagem, levou tempo para ser possível fotografar cenas de rua. Nas primeiras fotos, os passantes são apenas borrões. Entre os estrangeiros que se estabeleceram em Salvador, um dos primeiros a ir para as ruas foi o português Pedro Gonsalves, que fotografou a inauguração do Campo Grande e a missa comemorativa pelo fim da Guerra de Canudos. Detalhista, Gonsalves era adepto do retoque nas fotos e negativos. Além de trazerem para a Bahia a técnica e equipamentos fotográficos, os estrangeiros traziam também inovações. Gonsalves chegou a fabricar papel fotográfico e foi um inglês, Read, o primeiro a usar a luz artificial de magnésio, o flash primitivo. Foi ele que protagonizou o famoso episódio no Cine Teatro Politeama, em 1910, durante um discurso de Ruy Barbosa, onde o espalhafatoso estouro da espoleta, que

acompanhava a luz de magnésio, roubou a cena. O resultado foi uma foto onde boa parte da platéia está de costas para o famoso orador, observando o fotógrafo.

#### Brasileiros

Ainda no século XIX, alguns baianos começaram a se aventurar na fotografia, inclusive porque muitos dos fotógrafos estrangeiros ofereciam seus serviços como professores. Entre os profissionais, o nome de maior expressão é o de Flávio de Barros, o homem que fotografou o episódio mais importante da história baiana no século XIX: a Guerra de Canudos. Segundo o fotógrafo e pesquisador Antonio Olavo, outro fotógrafo esteve em Canudos, mas foi morto com um tiro. Flávio teve mais sorte e não só produziu registros sobre o episódio, como fez a única foto de Antonio Conselheiro, 14 dias após a sua morte.

Muitos não saíram do amadorismo, como o português Joaquim Fraga, apesar do talento que demonstrava. Mas a sua máquina-caixão, enorme, serviu pelo menos como atrativo para o neto, que depois de encontrá-la esquecida numa gaveta, acabou se tornando um dos fotógrafos baianos de maior sensibilidade. Do alto dos seus 90 anos e com uma memória invejável, Voltaire Fraga conta um dos seus segredos: sempre estar atento às inovações técnicas. Começou com uma VAG 9X12, na década de 1920, brincando de fazer fotos. Mandou algumas delas para a seção de leitores da revista O Cruzeiro e teve a surpresa de vê-las estampadas em duas páginas.

A oportunidade para a profissionalização veio com um desafio: fotografar a inauguração de uma escola para o secretário Isaias Alves, que não estava satisfeito com o trabalho de outros fotógrafos. Voltaire não mediu esforços: conseguiu subir no telhado de um armazém, armou seu tripé e fez fotos que, a partir daí, lhe geraram uma clientela cativa, entre empresas, jornais e governo. “A própria natureza ensina a geometria, mas você tem que se esforçar. Tem que olhar o objeto, subir, descer, até encontrar o ângulo mais bonito”, explica ele.

“Em 1943 fui ao Rio e São Paulo e voltei com uma Linhof Super Técnica, com cinco objetivas, que ninguém aqui tinha”, conta ele, que trabalhou também com as famosas Speed Graf, Rolleiflex e Pentax. Para lidar com as máquinas antigas, segundo ele, o primeiro requisito era não ser pretensioso. “Você tinha que saber o que estava fazendo. Eu comprava revistas, estudava pra aprender a usar o equipamento”, explica. E foi com essas câmaras que Voltaire fez imagens surpreendentes da Bahia antiga: baianas cobertas de jóias na Lavagem do Bonfim, a festa do aniversário de 400 anos de Salvador, a cidade inteira mobilizada no enterro de Ruy Barbosa, fotos de políticos, intelectuais, entre centenas de outras.

“Naquela época eu já pensava em fazer documentação histórica, em fotografar para o futuro. Queria que as fotos fossem usadas na educação, em aulas de história da cidade. Isso desperta o idealismo”, diz ele. E é por isso que Voltaire ainda sonha em ver o seu acervo, com 2.044 negativos e 779 cópias ser adquirido por uma instituição cultural. Já foram feitas negociações com a Fundação Cultural do Estado da Bahia que, entretanto, não avançaram, pois a Fundação se propôs a comprar apenas uma parte do acervo.

Aliás, a preservação dos acervos fotográficos e, portanto, da nossa memória visual, é um assunto sempre delicado. Se Voltaire, aos 90 anos, ainda não encontrou a devida atenção ao seu trabalho, o que dizer do episódio sobre as fotos de Flávio de Barros sobre Canudos? Os únicos exemplares que restavam na Bahia foram surrupiados do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Tudo leva a crer que foram essas mesmas fotos que apareceram recentemente no Instituto Moreira Sales, pois foram vendidas à instituição paulista por um “coleccionador” baiano. Imagens que deveriam ser respeitadas como um patrimônio

coletivo, documentos preciosos, pois descrevem as aventuras e desventuras daqueles que nos antecederam, nos exibem coisas que preferíamos esquecer, mostram outras formas de vida que existiram aqui mesmo onde estamos hoje e, assim, nos ajudam a entender o que somos.

## FOTOJORNALISMO

Quando recorda de tudo o que viveu e fotografou, é difícil para Anízio Carvalho, 71 anos, não se emocionar. Sobre as visitas ilustres, ele lembra de quando conseguiu flagrar o joelho e a coxa da rainha Elizabeth, exibidos no descuido de um segundo, ou do aperto de mão entre o senador Bob Kennedy e uma moradora dos Alagados. Recorda, também, dos incidentes com a polícia e o Exército, em pleno regime militar. Numa ocasião, durante uma reunião sindical, conseguiu rebobinar o filme e escondê-lo a tempo, dentro da cueca, antes que quebrassem a sua máquina. Também estava presente no dia em que o Exército invadiu o Mosteiro de São Bento, atrás dos estudantes que queimaram a bandeira dos Estados Unidos. O preço foi alto: três costelas e um ombro quebrado, mas, antes de ir para o pronto-socorro, ele conseguiu deixar a máquina e o filme, a salvo, no jornal.

Para medir a luz, no lugar do fotômetro, eles usavam o “olhômetro”. Tudo era racionado: dois filmes de 12 chapas para fazer dez até 12 pautas. Nada de flash eletrônico: para cada foto, era preciso colocar uma nova lâmpada “ovo de pato”, sem esquecer de esfregar antes na língua ou sola do sapato. E não havia como escapar do corpo-a-corpo, mesmo em situações perigosas, pois ninguém tinha teleobjetiva. Se os primeiros fotojornalistas faziam milagres, há algumas coisas que não mudaram até hoje. Eles continuam sendo pessoas que trabalham enquanto os outros descansam, vão aonde ninguém tem coragem de ir, conhecem reis e mendigos e, às vezes, ainda choram de emoção ao ver surgir no papel a foto que tanto lutaram para conseguir.

### Conquistando espaço

Quem tomou a iniciativa de modernizar o jornalismo baiano foi A Tarde, mandando Diomedes Gramacho ao Rio de Janeiro para aprender a técnica do clichê a partir da fotografia, conta a pesquisadora Mariluce de Souza Moura, em seu texto para o catálogo Fotobahia. Em 1914, o jornal já possuía sua própria “clicheria”, abrindo espaço para as fotos, em substituição às gravuras e chichês a bico de pena. Começava aí uma nova profissão, a de fotojornalista, que na primeira metade do século XX foi praticada em Salvador por pessoas como Miguel Martins, Gervásio Baptista, Oscar Freire de Carvalho e Djalma Guedes. Juntos, eles fundaram, em 1949, a Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos da Bahia (Arfoc), a segunda do gênero no Brasil.

“A idéia veio de Glicério Santos, um paulista que esteve aqui, nos apoiou e trouxe informações”, conta Djalma Guedes, 76 anos, atual presidente da Arforc. No começo, eles se reuniam em mesas de bar, depois em sedes provisórias, até chegar onde estão, no Edifício Themis. “Tivemos muitas batalhas, como defender os fotógrafos agredidos por policiais e militares. Aos poucos, fomos conseguindo que eles pagassem o equipamento e até mandassem relações-públicas pedir desculpas. Hoje, eles têm mais cuidado pra bater em fotógrafo, porque sabem que tem outro fotografando. Também lutamos pela melhoria de salário, por acordos sobre o uso do equipamento e pelo direito autoral, porque os jornais não davam o crédito das fotos até final dos anos 70”, conta Guedes.

Anízio Carvalho, 71, e Valter Lessa, 69, entraram numa redação de jornal no mesmo ano: 1957. Anízio, no Jornal da Bahia, e Valter, no A Tarde. Ambos já tinham tido experiência com revelação e foto: “Nos anos 50, nós comprávamos as drogas para a revelação na Ótica

Ernesto, que também tinha um laboratório. A minha primeira foto importante foi em 1952: a inauguração do Grande Hotel de Caldas de Cipó, com a presença de Getúlio Vargas”, conta Lessa. “Trabalhei bastante tempo como laboratorista para Leon Rosenberg e, de vez em quando, fotografava alguma coisa. Depois fui trabalhar em jornal, como laboratorista, até que um dia me deixaram fazer um teste pra fotógrafo. Quando lembro ainda sinto vontade de chorar. Era um sonho de criança. Ariosvaldo Matos me deu várias dicas, me fez beber uma dose de conhaque pra perder a timidez e me deu um filme extra – porque o jornal dava um só. Fui, fiz a foto e comecei a ser fotógrafo”, lembra Anízio.

Havia outros nomes famosos: Mario Paraguaçu, Domingos Cavalcanti, Caçador, mas o caso de Valter Lessa é raro: um fotógrafo que também faz texto. “A primeira vez foi em 1958. Pedi, insisti, até que me deixaram ir pra Recife entrevistar e fotografar a Seleção Brasileira antes da partida pra Copa da Suécia. Só tinha eu lá: entrevistei os 22 jogadores, o jornal deu página inteira, foi um furo. Quando eles voltaram, claro, tinha mais de cem repórteres”, lembra ele. Naquela época, distintivo de fotógrafo no peito valia mais do que ser polícia federal, o acesso era livre, recorda Lessa. Mas saudosismo não é o seu forte, tanto que ele continua atuante e cheio de projetos. O principal é o das fotos noturnas de Salvador: “Essa é uma paixão antiga, que começou em 1952. Em Salvador, tenho feito fotos noturnas há 30 anos e intensifiquei nos últimos três anos: já tenho 3.200 fotos”, diz ele. Sobre a impressionante nitidez das imagens, Lessa explica: “Sempre trabalho com a Hasselblat, uma máquina incomparável. Perto dela, tem muita máquina famosa que é praticamente descartável”.

Gente nova

Apesar das dificuldades, o mercado de trabalho já foi melhor do que hoje. “Aqui existia o Diário de Notícias, Diário da Bahia, Estado da Bahia, O Momento, A Tarde e Jornal da Bahia”, enumera Anízio Carvalho. Depois, vieram as sucursais de várias revistas e jornais, as secretarias de governo e assessorias, sempre com alguma vaga para fotógrafo. Alguns receberam boas propostas e terminaram indo para outros estados, como aconteceu com os baianos Evandro Teixeira, cujo trabalho é conhecido internacionalmente; Luciano Andrade, que recebeu duas vezes o prêmio Esso de fotojornalismo, e Gervásio Baptista.

Gervásio foi, mas nos deixou o seu filho. “Comecei mexendo no equipamento de meu pai, ficava impressionado com a Rollei e a Speed. Quando ele foi para o Rio, trabalhar em O Cruzeiro e na Manchete, me colocou em contato com os irmãos Cavalcanti, Domingos e José, que me orientaram”, conta Arestides Baptista, 56 anos. Como a formação era autodidata mesmo, Arestides praticou ainda no Diário de Notícias e aprendeu algumas coisas com Oscar de Carvalho, até chegar ao A Tarde, onde está até hoje. Como um dos últimos representantes da geração de fotojornalistas que descobriam a fotografia nos jornais, e não na faculdade, Arestides define o seu jeito de trabalhar, que o faz tão elogiado: “Sempre gostei de me identificar com o leitor. Tanto a informação como a beleza da imagem são importantes. O repórter fotográfico tem a obrigação de enxergar mais. Mesmo quando a pauta é fraca, ele pode conseguir uma bela imagem”.

Na década de 80, começaram a chegar às redações baianas os fotógrafos que tinham passado pela faculdade de jornalismo. Um dos primeiros foi Haroldo Abrantes, em 1985. “Fiz faculdade em Porto Alegre, quando começou a haver a obrigatoriedade do diploma. Por isso tive muitos colegas que já eram profissionais. Montei um laboratório em casa e todo dia perguntava alguma coisa pra um, depois pra outro”. Uma das marcas dessa nova geração é a ampliação dos referenciais: “O meu sonho era ser Cartier Bresson. Estudei o trabalho e a vida dele. Trabalhei com as mesmas câmaras, a Leica modelo M, de telêmetro.

Era um mestre da composição. Aprendi com ele que primeiro se deve pensar na composição e depois escolher o momento da foto”, explica Abrantes, que trabalha no Correio da Bahia e, seguindo essas lições, já ganhou 11 prêmios.

Mas quem achava que o fotojornalismo baiano já não tinha onde inovar, um dia, assistiu à invasão feminina. Lúcia Correia, Sonia Carmo, Holanda Cavalcanti, Estela Alves, Mara Mércia, Rejane Carneiro, Célia Aguiar e tantas outras. Uma das histórias mais impressionantes é a de Margarida Neide, a “Loira da Fonte”, que invadiu o território masculino duplamente, se tornando uma competente, famosa e premiada fotógrafa esportiva. “Comecei em 1982, mas já tinha aprendido tudo com meu irmão, o fotógrafo Nilton Sousa, que hoje é especialista em fotos aéreas. Um dia, Antonio Santos, do Jornal da Bahia, disse que me queria fazendo esporte. Coloquei a condição de só fazer futebol e ele topou”, conta ela.

O tema envolvia várias questões delicadas. “Não é qualquer um que faz bem esse tipo de foto, ainda mais naquela época que não havia auto-focus. E esporte é a menina dos olhos, dá muita capa, visibilidade, prêmio”. Vencer a ciúmeira dos colegas não foi fácil, mas o desafio maior veio nos campos: “A Fonte Nova era o último reduto machista, mas as coisas mudaram comigo depois de um treino do Bahia. Estava a imprensa toda, inclusive de fora, só eu de mulher. O técnico começou a fazer piadinha comigo. Eu virei e disse que ele devia mudar de profissão, ir pro circo fazer palhaçada. Isso saiu em todos os jornais e tvs. Depois disso, todo mundo passou a me respeitar, sabiam que eu não era de brincadeira, e até o técnico, depois de uns meses, veio me pedir pra gente fazer as pazes”, lembra ela. Mas a grande consagração, explica Margarida, não foram os prêmios nacionais, as exposições, entrevistas e, sim, o carinho da torcida, que a parava nas ruas, sinaleiras e, em coro, gritava o seu nome quando ela entrava no estádio.

## REDESCOBRINDO A BAHIA

Até hoje, qualquer dia claro com uma luz bonita, já é suficiente para fazer alguns deles colocarem a câmera na sacola e sair por aí, para homenagear a beleza da cidade. Essa paixão pelas cores intensas, pela espontaneidade do povo e a curiosidade pela nossa história começaram nos anos 70. Foi a partir daí que um bando de jovens fotógrafos começou a revelar para o mundo a morenidade dos acarajés, o indefinível azul do mar, o dourado das igrejas, os tons de pele e todas as outras cores que fazem da Bahia um lugar inebriante. Onde houvesse pescadores, vaqueiros, índios, candomblés, romarias, artesãos, festas populares, feiras, matas, caatingas e praias, eles estariam.

Nos anos 70, jovens do mundo inteiro estavam em busca de novas formas de viver, rompendo tabus, arriscando-se. O espírito de cooperação estava tão em alta que contagiou até os fotógrafos, normalmente solitários inveterados. Aqui na Bahia, eles criaram o Grupo Zaz, o Fotobahia, o Grupo de Fotógrafos da Bahia, entre outras iniciativas, que fizeram a fotografia baiana dar um salto de qualidade. Reunidos, trocavam informações, conquistavam clientes, se aprimoravam tecnicamente, exploravam novas paisagens e, principalmente, se divertiam muito. Foi uma época também de expansão econômica do país e do estado: crescimento do turismo, indústria, da publicidade e do jornalismo. Muitos deles souberam aproveitar esse período próspero e conseguiram tornar a fotografia baiana conhecida internacionalmente.

### Grupo ZAZ e Fotobahia

As coisas aconteciam meio por acaso, pelo menos para quem estava aberto ao improvisado. Foi assim com uma moça baiana e seu amigo Tião, que exploraram juntos os segredos da

fotografia num laboratório improvisado no quarto da residência universitária, em Paris. A brincadeira deu certo para os dois: em pouco tempo ela se tornou a fotógrafa profissional Arlete Soares e Tião, hoje, é mais conhecido como Sebastião Salgado, o mais famoso fotógrafo brasileiro em atividade. O Grupo Zaz nasceu no começo dos anos 70, quando Arlete já tinha voltado para a Bahia: “Chegamos a ser mais de 20 pessoas. Fazíamos texto, foto e ilustrações para cartazes, cartões-postais, folders, um jornal semanal, uma revista. Éramos eu, Cida Nóbrega, Enéas Guerra, Paulo Diniz, Arnaldo Grebler, Mara Mércia, Edson Porto, Carlos Sarno e outros. A nossa sede, na Rua Democrata, n. 17, era um lugar aglutinador: Verger levava filmes pra gente revelar, apareciam Mário Kertesz, por sinal, um bom fotógrafo, Jamison Pedra, alguns estrangeiros trabalharam conosco, sempre tinha alguém indo ou voltando de fora, trazendo equipamentos, informações”.

O humor e a jovialidade eram a tônica do trabalho do Zaz, que não descuidava também do profissionalismo, atraindo clientes grandes como o governo do estado e empresas. Apesar do sucesso, depois de quatro anos, em 1975, eles resolveram fechar as portas: “Vendemos tudo e nos dispersamos. Fomos viajar, Índia, Afeganistão: quatro mulheres dentro de uma Kombi. Quando voltei, montei a Corrupio, que começou logo megalomaniaca, lançando um livro com 256 fotos em preto-e-branco, o Retratos da Bahia, de Verger”, conta ela.

Em 1978, foi a vez do fotógrafo, biólogo e jornalista Aristides Alves dar o pontapé para um novo movimento que sacudisse a fotografia baiana. “Sempre fui preocupado com a questão da técnica, da linguagem, queria conhecer outros fotógrafos, então criamos o Fotobahia, uma mostra anual. Paralelo à exposição, havia cursos, workshops e seminários com informações técnicas, discussões sobre direito autoral e linguagem”, explica Alves. Para esta verdadeira universidade paralela, eles convidaram nomes como Boris Kossoy, Walter Firmo, Nair Benedito, Rubens Fernandes, que trouxeram muita informação para os jovens fotógrafos. Até hoje, os catálogos das exposições do Fotobahia fornecem um bom mapeamento da produção fotográfica baiana do final dos anos 70 e início dos 80: David Glat, Rosa Maria, Isabel Gouvêa, Iraildes Nascimento, Gildo Lima, Oldemar Vitor, Antonio Saturnino, Ikissima, Artur Viana, Josué Ribeiro, Juraci Dórea, Sílvio Robatto, Sérgio Rabinovitz, Wilson Besnosik, Valdir Argolo, entre outros.

Um dos resultados mais interessantes foi a redescoberta do ensaio fotográfico. “Começamos a fotografar fora da pauta, com temáticas variadas, ligadas à cultura e natureza, fazendo um trabalho documental com uma marca, um estilo, como Bauer Sá, Ieda Marques, com o interior, Adenor Gondim, com a religiosidade”, enumera Alves. Os expositores e alunos do Fotobahia se espalharam pela cidade, nos jornais, sucursais, assessorias ou trabalhando para as agências de publicidade e mercado do turismo. Alguns, felizmente, nunca esqueceram do que tinham aprendido juntos. “O profissional tem que ir à luta, fazer o seu trabalho, mas não pode deixar o cotidiano te dominar. O grande exercício é abrir brechas no cotidiano para um trabalho mais pessoal. Às vezes, o profissional tem que dar uma de amador e fazer fora da pauta, sair das amarras dos contratos”, recomenda ele, com a autoridade de quem já fez muitos livros e exposições com fotos produzidos nessas “escapadas”, onde se debruçou sobre temas como orquídeas, igrejas, brinquedos populares, máscaras, capoeira, candomblé ou, simplesmente, parou para flagrar a incrível beleza de cenas triviais que acontecem nas ruas.

Outro hábito saudável que alguns fotógrafos ainda conseguem manter é o de trabalhar em grupo. Juntos, Aristides, Adenor Gondim, Maria Sampaio e Célia Aguiar estão envolvidos num audacioso projeto de pesquisa sobre a história da fotografia baiana, que será lançado em livro. Apaixonada pelo tema desde sempre, pois nasceu numa família de amantes da



fotografia, Maria conta que, assim como os antigos fotógrafos, ela também começou “brincando” de ser retratista: “Eu levava a máquina pro colégio, tirava foto das colegas e depois vendia”. Hoje, depois de anos fotografando para empresas, governo, artistas e para si mesma, ela aprendeu algumas lições que não se nega a dividir: “Há coisas que não podem ser fotografadas, como invadir a privacidade das pessoas. É preciso pedir licença, mesmo aos amigos. E, para fotografar palco, o fotógrafo tem que ser invisível, é o artista quem tem que brilhar. Uma vez dei uma bronca num menino que estava fotografando e subiu no palco. Ele não se zangou não, hoje somos amigos”.

#### Detalhismo

De seu pai, o escultor Mário Cravo Júnior, ele herdou o completo domínio sobre a forma, e com o antropólogo e fotógrafo Pierre Verger aprendeu sobre “a dignidade e a elegância que devem estar presentes em toda imagem de um ser humano”. O resultado foi uma produção fotográfica tão vasta quanto intrigante, que possui admiradores ardorosos em vários países. Com Mário Cravo Neto, a fotografia baiana trilhou caminhos surpreendentes: o povo nas ruas em cores e gestos de uma verdade desconcertante; sombras e símbolos nos seus modelos esculturais das fotos em estúdio. Os artistas também ganharam um aliado poderoso, capaz de traduzi-los em imagens.

Cravo Neto gosta de definir o ato de fotografar como uma dança, um diálogo entre o fotógrafo, o modelo e a luz, algo que vai acontecendo naturalmente. “Para mim, a realização visual não é uma consequência de um conceito anterior, preexistente. As duas coisas acontecem ao mesmo tempo”, explica. Nessa “dança”, ele procura sempre incorporar alguns elementos que lhe são caros, como os símbolos da mestiçagem que caracteriza a cultura baiana e da “relação do homem com a natureza tropical”. Para quem já é uma celebridade, com agenda apertada e exposições internacionais – a de outubro de 2001 foi em Milão -, a parte difícil é conseguir tempo para não perder o contato com a rua, o povo e a vida. Mas ele tem conseguido. Íntimo de alguns terreiros de candomblé e morador do bairro das Cajazeiras, Cravo Neto só não consegue mesmo é escapar do desafio que criou para si mesmo: o de continuar a produzir imagens tão belas quanto profundas, que nos seduzem, desorientam e instigam.

#### EM BUSCA DO OUTRO

De década para década, surgem novidades, algumas coisas se modificam, mas sobreviver da fotografia continua sendo um desafio diário, para novatos ou veteranos. Lidar com direito autoral, remuneração, mercado de trabalho e aperfeiçoar-se são batalhas contínuas. O mais difícil, entretanto, é a batalha contra a mesmice, o desencanto, é encontrar uma forma de preservar o olhar de criança, o interesse pelas coisas mais simples, a capacidade de deslumbrar-se. Um antídoto milenar, praticado por dez entre dez fotógrafos, são as viagens. E, explicam eles, para desembotar o olhar e agradar aos sentidos, nem sempre é necessário ir muito longe. Basta visitar um lugarejo qualquer pela primeira vez e pronto, o coração pulsa forte, a curiosidade se aguça e o disparador da máquina já não tem mais paz. “O melhor lugar pra fotografar é aquele onde você nunca foi. Pode ser qualquer lugar. Ir para o interior é o mesmo que estar no exterior”, diz Arlete Soares, com autoridade de causa. Ela não só conhece a Bahia de uma ponta a outra, como já fotografou em lugares desafiadores como o Egito, “onde eles jogam pedra na gente”, Nigéria, Daomé, Índia e Afeganistão. “Estávamos lá quando houve a invasão dos soviéticos, em 1978, 1979”, conta ela. Duas dicas importantes que ela dá, de graça: “Sempre cubro a nome da máquina com um esparadrapo. Mesmo em países distantes as pessoas conhecem as marcas e ficam

achando que você tem muito dinheiro. Também nunca levo muito apetrecho, blusão, isso dá bandeira. As pessoas relaxam mais quando pensam que você é amadora”.

Sertão

O desafio pode estar, entretanto, mais perto do que se imagina. Foi assim com Antonio Olavo e Christian Cravo, que descobriram no sertão uma fonte inesgotável de surpresas. “Em 1983, fui a Monte Santo por cinco dias fazer umas fotos para o IPAC e, no horário vago, ficava ouvindo as pessoas contarem as suas histórias. Aí eu tomei um choque, porque tudo sempre tinha alguma relação com Conselheiro e Canudos, e eu não conhecia nada dessa história”, conta Olavo. Desafiado, ele começou imediatamente a fotografar o que lhe mostravam e em pouco tempo se tornou um devotado pesquisador e divulgador da história da Guerra de Canudos. Com apoio do Cnpq, conseguiu passar um ano viajando pelo sertão e localizar a última testemunha ocular da Guerra: dona Dionísia Salgado. Quando o livro finalmente foi lançado, após dois anos em busca de patrocínio, “ele esgotou em quatro meses, de mão em mão, sem colocar em livraria”, conta Olavo. Depois, vieram o vídeo e o site, que reúne quase tudo já feito sobre o tema (<http://www.portfolium.com.br/canudos.htm>).

Para o fotógrafo Christian Cravo, 27 anos, soteropolitano criado na Dinamarca, o mergulho na alma sertaneja foi uma forma de se reencontrar com o Brasil: “Quando voltei da Europa, aos 17 anos, quis conhecer meu país. Não queria mostrar nada, simplesmente queria viajar, lutar contra meus medos de terras distantes, daquilo que ainda não entendo”. E lá, no sertão, ele encontrou “uma população fantástica, pobre, mas de forte caráter, que me fascinou muito”. De tudo o que viu durante os anos em que rodou de moto pelas estradas poeirentas, o que mais o assombrou foi a trágica religiosidade dos sertanejos. Uma tragicidade que ele capturou com maestria em suas fotos, fazendo-nos lembrar de questões muito antigas e, infelizmente, muito atuais: “Saber que se morre de sede, mesmo tendo enormes reservatórios de água subterrânea, é revoltante. O que acontece no sertão é um completo descaso”. Premiado por instituições como o Museu de Arte Moderna da Bahia, Mother Jones Photo Fund for Documentary Photography e agraciado com bolsas pelas fundações Vitae e John Simon Guggenheim, Christian chega a visitar 11 países diferentes num ano, em busca de imagens. Viajar tanto tem o seu preço - “Não sou um viajante nato. Sinto às vezes muito incômodo por estar longe, em sociedades diferentes da minha” -, mas ele não pretende parar, pois garante que o “damon” dentro de si o impele a continuar.

Mesmo quem só pode passar alguns dias ou semanas viajando, por estar no corre-corre do fotojornalismo, aproveita bastante a oportunidade, que é encarada como uma benção. Trabalhando para as grandes reportagens do jornal Correio da Bahia, Welton Araújo e Edmar Melo passaram por isso. “Viajar durante 15 dias pelo São Francisco, da nascente à foz, foi uma experiência muito especial e intensa. Eu me pautava, podia pesquisar antes de fotografar e escolher a melhor condição de luz. E as pessoas do interior são tranquilas, menos vaidosas e desconfiadas”, conta Welton. Para Edmar, os quatro mil quilômetros percorridos “no coração árido do sertão” e o contato com “um povo apaixonadamente puro, extremamente batalhador e sofrido” o tocaram profundamente. Tanto que, hoje, uma das suas grandes ambições é desenvolver um projeto onde possa “dividir com mais pessoas a emoção que senti ao conhecer esse povo incrível que ainda vive os ensinamentos de Conselheiro: a luta por liberdade e igualdade”.

Organização

No cotidiano profissional, os fotógrafos enfrentam também outros tipos de desafios, como a retração do mercado, a busca de novas formas de organização, os problemas com o direito autoral e a eterna luta por respeito. Algumas tentativas vêm dando certo, como a experiência dos fotógrafos do jornal A Tarde. “Estamos operando como agência desde o ano passado. Somos uma empresa que faz parte do grupo A Tarde. Todos os fotógrafos são ligados à agência e ganham 20% sobre toda venda. Fazemos a cobertura diária, pautas especiais para os clientes, como editoras e revistas semanais, e trabalhamos em parceria com cinco agências nacionais. O carro-chefe é a venda diária, onde inclusive cobrimos temas que o jornal não dá”, explica o editor de fotografia Wilson Besnosik. A Casa da Photographia, criada há cinco anos também é um exemplo a ser seguido. Lá, além de oferecer serviços de laboratório, promovem-se palestras com fotógrafos renomados e vários cursos: básico, estúdio, iluminação e laboratório.

União, aliás, parece ser a solução para muitos problemas. Independente da área em que atue, os fotógrafos sempre lidam com a velha questão do controle do uso da imagem. “A lei que obriga a dar o crédito das fotografias é a 5.988, de 1973”, explica Djalma Guedes, presidente da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos da Bahia (Arfoc), que sabe tudo sobre o assunto. Segundo ele, o atual desafio é aproximar os repórteres de fotografia e de texto na luta pelos seus direitos, o que traria ganhos para ambos. A mesma opinião tem Welton Araújo, um crítico da hierarquia velada texto e fotografia: “Vivemos ainda na ditadura do texto. As pessoas pensam que quem faz o texto é que está no comando, o que é uma mentalidade atrasada. No sul do país, já se vê revistas chefiadas por fotógrafos, que são diretores de redação”. Para ele, o rompimento dessa hierarquia traria vantagens principalmente para o leitor. “Aqui, em geral, as editorias de fotografia não têm peso nas decisões. Se fosse diferente, o leitor poderia receber um produto de maior impacto e sedução visual”, diz ele.

Mas não há como escapar, o grande desafio para o futuro da fotografia está mesmo na computação. Valter Pontes, 31, começou a perceber isso quando trabalhava no extinto jornal Bahia Hoje, “que foi a minha grande escola de digitalização, tratamento e transmissão de imagens. Ainda neste jornal, me tornei sócio e responsável pela Coperphoto Fotojornalismo, na área do Norte e Nordeste. É uma empresa paulista, criada há 20 anos, pioneira no país em digitalização e transmissão de imagens”, conta ele. Atendendo a grandes clientes e agências internacionais e nacionais, a equipe da Coperphoto trabalha com total independência: “Aqui, o fotógrafo tem que fazer tudo, não é voltar e entregar o filme. Ele revela, edita, scanneia a foto, bota a legenda, que pode ser inglês, e envia. Trabalhamos com um sistema de transmissão de computador pra computador, sem provedor”, explica Pontes.

E quando se fala em computação, é preciso ter a humildade de aprender com as novas gerações. Desenhista, artista plástico, webdesigner e fotógrafo, André de Faria, 25 anos, rapidamente percebeu que podia reunir tudo isso num pacote só. “Comecei a fotografar para registrar as minhas viagens pelo interior e litoral. Fui também fotografar no Chile, Bolívia e Peru, que é um centro avançado da cultura latino-americana”, conta ele. Com um scanner e o programa Photoshop, começou a nascer a sua arte digital, onde fotos, desenhos e palavras se misturam. “Temos que estar sintonizados, somar as experiências. A computação gráfica é uma ferramenta a mais. Ela surgiu com outras finalidades e nos apropriamos dela. Um programa como o Photoshop é uma oficina dentro de um microcomputador, sem precisar passar por todo o processo químico, sintetizando tudo com

um resultado que não fica nada a dever”, garante ele, lançando, assim, mais um desafio aos fotógrafos baianos.

(Dezembro de 2001)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.